ESTAÇÃO TERMINAL

Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da Casa

C334e Casa, Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da Casa
Estação Terminal / Aloisio Augusto
da Cruz Ferreira da Casa – São Pedro da Aldeia, RJ:
Clube de Autores, de abril 2020
204p.
ISBN 978-65-00-02443-2
1. Religião, 2. Romance, 1. Casa,
Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da. II. Título

CDD B200
CDU 82.31=134.3(81)

Índice para catálogo sistemático
1. Religião: B200
2. Romances. Histórias completas: 82.31=134.3(81)

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência.

Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da Casa

Dedico o presente livro à irmã Jú! Na certeza de que Deus sempre nos reserva o melhor. Compreendendo a dor da saudade dela, natural, pela partida do Seu Amado Esposo, Nosso amigo e irmão, TONI, uma das muitas vítimas do Covid-19, contudo, esperando que esta obra, a história de vida dele, contribua para relembrá-la que o Toni, ao morrer em Cristo Jesus, venceu a morte, porque Jesus venceu a Morte e os que estão com Ele, são igualmente vencedores sobre a morte!

Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da Casa

Índice

O Vírus E O Tempo.....9

Pobreza Extrema..... 21

Sem Tempo Para Ser Criança.....39

Sonhando 51

A Bicicleta.....65

Aventura No Continente.....79

Alfabetização 99

Por Essa Estrada Fora 115

O Chefe 131

Generosa Solidariedade 149

... E O Mundo Parou! 169

Portugal À Janela 185

O Vírus E O Tempo

Toni e a esposa tinham acabado de se sentar na sala, em frente do televisor. Entre eles se fazia sentir um silêncio cumplice. As notícias continuavam a não ser nada animadoras.

Toni sentia-se confuso. De repente ele começou a se beliscar.

- Mas tu estarás doido? O que estás fazendo? – Perguntou a esposa incrédula.

- Que queres tu? Eu preciso me beliscar para saber se estou acordado. Não acredito que esteja acordado. De certo que adormeci e estou a sonhar. Ou melhor, estou tendo um pesadelo. – Respondeu Toni.

O momento era grave. O dia 18 de março de 2020 aproximava-se das vinte horas da noite e o casal aguardava com serenidade o que o Presidente da República de Portugal iria dizer ao país. Marcelo Rebelo de Sousa ia falar à Nação. Não seria surpresa. Afinal, já se sabia o que iria ser anunciado.

O momento chegou. O Presidente surgiu no écran do televisor e deu início ao seu discurso.

→

Portugueses.

Acabei de decretar o estado de emergência. Uma decisão excecional num tempo excecional. A Pandemia do Covid-19 não é uma qualquer epidemia como aquelas que já conhecemos na nossa Democracia.

Está a ser e vai ser mais intensa. Vai durar mais tempo até desaparecerem os seus últimos efeitos. Está a ser e vai ser um teste nunca vivido ao nosso Serviço Nacional de Saúde e à sociedade portuguesa, chamada a uma contenção e a um tratamento em família sem precedente.

Está a ser e vai ser um desafio enorme para a nossa maneira de viver e para a nossa economia. Basta pensar na saúde, na educação, no comportamento nas famílias, no trabalho, nos efeitos no turismo, nas exportações, no investimento, na fragilização de famílias e empresas, nomeadamente de pequena e média dimensão.

Esta guerra - porque de uma verdadeira guerra se trata - dura há um mês, começou depois dos vizinhos europeus, e, também por isso, pôde demorar mais tempo a atingir os picos da sua expressão. E o que fizemos nestes últimos quinze dias? Entendemos - e bem - que, no nosso Estado Social, era e é uma tarefa de todos e não de cada um abandonado à sua sorte.

Apostámos na contenção, para tentar limitar o contágio, ganhar tempo para preparar a resposta e evitar uma concentração muito rápida da procura de cuidados de saúde. Na contenção, o Serviço Nacional de Saúde, fez e continua a fazer heroísmo diário, pela mão dos seus notáveis profissionais. E, com eles, todos os que estão a garantir a segurança e a produção e distribuição de bens essenciais para que o País funcione. E os Portugueses, com a experiência de quem já viveu tudo numa História de quase nove séculos, disciplinaram-se, entenderam que o combate era muito duro e muito longo e foram e têm sido exemplares. Numa quase quarentena, que revela o bom senso de respeitar as orientações das autoridades de saúde, e digo-vos, por testemunho próprio, é nosso dever acatar as orientações genéricas e, por maioria de razão, as recomendações específicas das autoridades sanitárias. O Governo - que tem entre mãos uma tarefa hercúlea - adotou medidas, tentando equilibrar contenção no espaço público e nas fronteiras e não paragem da vida económica e social, medidas que todos, Presidente, Parlamento, partidos e parceiros sociais, apoiámos, conscientes de que só a unidade permite travar e depois vencer guerras.

Aqui chegados, entendi dever convocar o Conselho de Estado, e, nos termos da Constituição, ouvi o Governo e solicitei autorização à Assembleia da República para decretar o estado de emergência. Sabia e sei que os Portugueses estão divididos. Há quem o reclame para anteontem. Há quem considere dispensável, prematuro ou perigoso. Sabia e sei que, em plena crise, as pessoas se sentem tão ansiosas, tão angustiadas, que aquilo que pedem um dia ou uma semana, uma vez dado, é logo seguido de mais exigências ou reclamações, à medida que as preocupações ou os temores se avolumam. Sabia e sei que muitos esperam do estado de emergência o milagre que tudo resolva num minuto, num dia, numa semana, num mês. Ainda assim, entendi ser do interesse nacional dar este passo. Agradeço aos Conselheiros de Estado o terem expresso as suas opiniões, ao Primeiro-Ministro e ao Governo o terem aderido, solidariamente, e colaborado, de modo decisivo, no conteúdo do presente decreto, e à Assembleia da República o tê-lo autorizado com generosa prontidão e amplo consenso.

Cinco razões essenciais explicam o passo dado.

Primeira - Antecipação e reforço da solidariedade entre poderes públicos e deles com o Povo. Outros países, que começaram, mais cedo do que nós, a sofrer a pandemia, ensaiaram os passos graduais e só agora chegaram a decisões mais drásticas, que exigem maior adesão dos povos e maior solidariedade dos órgãos do poder. Nós, que começamos mais tarde, devemos aprender com os outros e poupar etapas, mesmo se parecendo que pecamos por excesso e não por defeito. O Povo Português tem sido exemplar. Mas este sinal político, dado agora, e dado não apenas pelo Governo, mas por Presidente da República, Assembleia da República e Governo é uma afirmação de solidariedade institucional, de confiança e

determinação, para o que tiver de ser feito nos dias, nas semanas, nos meses que estão pela frente.

Segunda - Prevenção. Diz o povo: mais vale prevenir do que remediar. O que foi aprovado não impõe ao Governo decisões concretas, dá-lhe uma mais vasta base de Direito para as tomar. Assim, permite que possam ser tomadas, com rapidez e em patamares ajustados, medidas que venham a ser necessárias no futuro. Nomeadamente, na circulação interna e internacional, no domínio do trabalho, nas concentrações humanas com maior risco, no acesso a bens e serviços impostos pela crise, na garantia da normalidade na satisfação de necessidades básicas, nas tarefas da proteção civil, em que, nos termos da lei, todos já são convocados, civis, forças de segurança e militares. O que seria, mais tarde, se fosse necessário agir, num ou noutro caso, neste quadro preventivo e ele não existisse?

Terceira - Certeza. Esta base de Direito dá o quadro geral de intervenção e garante que, mais tarde, acabada a crise, não venha a ser questionado o fundamento jurídico das medidas já tomadas e a tomar.

Quarta - Contenção. Este é um estado de emergência confinado, que não atinge o essencial dos direitos fundamentais, porque obedece ao fim preciso do combate à crise da saúde pública e da criação de condições de normalidade na produção e distribuição de bens essenciais a esse combate.

Quinta - Flexibilidade. O estado de emergência dura quinze dias, no fim dos quais pode ser renovado, com avaliação, no terreno, do estado da pandemia e sua previsível evolução.

É um sinal político forte de unidade do poder político, que previne situações antes de poderem ocorrer, estabelece um quadro que confere certeza, dá poderes ao Governo mas não regidifica o seu exercício, e permite reavaliação na sua aplicação num combate que muda de contornos no tempo.

É também um sinal democrático. Democrático, pela convergência dos vários poderes do Estado. Democrático, porque é a Democracia a usar os meios excecionais que ela própria prevê para tempos de gravidade excecional. Não é uma interrupção da Democracia. É a Democracia a tentar impedir uma interrupção irreparável na vida das pessoas.

Não é, porém, uma vacina, nem uma solução milagrosa, que dispense o nosso combate diário, o apoio reforçado ao Serviço Nacional de Saúde, a capacidade de pessoas e as famílias continuarem a tentar limitar o contágio, para que os números a crescer cresçam menos do que os piores cenários e para que o tratamento possa ser, cada vez mais, em casa. Tudo mais cedo do que mais tarde. Até porque, num ponto, os especialistas são claros - depende da contenção nestas próximas semanas o conseguirmos encurtar prazos, poupar pacientes e, sobretudo, salvar vidas.

Temos, pois, todos de fazer por contribuir para ir o mais longe e o mais depressa possível nesta luta desigual. E quanto mais depressa formos, mais depressa poderemos salvar vidas, salvar a saúde, mas também concentrar-nos nos efeitos, a prazo, no emprego, nos rendimentos, nas famílias, nas empresas.

E, mesmo agora, só se salvam vidas e saúde se, entretanto, a economia não morrer. Por isso, o Estado está a ajudar a economia a aguentar estes longos meses mais agudos. Fazendo o que possa para proteger o emprego, as famílias e as empresas.

Mas nós temos de fazer a nossa parte. Não parar a produção, não entrar em pânicos de fornecimentos como se o País fechasse, perceber que limitar contágio e tratar de contagiados em casa é e tem de ser compatível com manter viva a nossa economia.

Assim é em tempo de guerra, as economias não podem morrer.

Termino com um pedido.

Nesta guerra, como em todas as guerras, só há um efetivo inimigo, invisível, insidioso e, por isso, perigoso. Que tem vários nomes. Desânimo. Cansaço. Fadiga do tempo que nunca mais chega ao fim. Temos de lutar, todos os dias, contra ele. Contra o desânimo pelo que corre mal ou menos bem. Contra o cansaço de as batalhas serem ainda muitas e parecerem difíceis de ganhar. Contra a fadiga que tolhe a vontade, aumenta as dúvidas, alimenta indignações e revoltas. Tudo o que nos enfraquecer nesta guerra alongará a luta e torná-la-á mais custosa e dolorosa.

Resistência, solidariedade e coragem são as palavras de ordem. E verdade, porque nesta guerra, ninguém mente nem vai mentir a ninguém.

Isto vos diz e vos garante o Presidente da República. Por vós diretamente eleito para ser, em todos os instantes, os bons e os maus, o primeiro e não o último dos responsáveis perante os Portugueses.

O caminho ainda é longo, é difícil e é ingrato. Mas, não duvido um segundo sequer, que vamos vencê-lo o melhor que pudermos e soubermos. Na nossa História, vencemos sempre os desafios cruciais. Por isso temos quase novecentos anos de vida. Nascemos antes de muitos outros. Existiremos ainda, quando eles já tiverem deixado de ser o que eram e como eram.

Deixem-me terminar com um exemplo de como somos. O exemplo da neta, enfermeira, que, no dia em que perdeu o seu avô, a primeira vítima mortal, me dizia: «Presidente, já só faltam nove dias para eu regressar à luta».

Somos assim. Porque somos Portugal."

←

Toni respirou fundo. Passou em revista, na sua memória, os últimos meses vividos pelo mundo.

O final do ano de 2019 foi marcado pelo surgimento de muitos casos de uma pneumonia que apresentava caraterísticas totalmente novas, desconhecidas da medicina, em Wuhan, uma cidade chinesa com cerca de onze milhões de habitantes. O número de vítimas humanas era assustador e as autoridades tiveram de isolar a cidade que paralisou, com a obrigatoriedade de os seus cidadãos se fecharem em casa... Aqueles que não estavam em hospitais a lutar pela vida.

Para o mundo, a situação causou alguma consternação pelo elevado número de vítimas, mas ninguém deixou de dormir por causa disso, nem deixaram de festejar com exuberância mais uma virada de ano. Depressa o drama de Wuhan se alastrou a toda a China. Nem mesmo assim o mundo se desesperou. Entrou no ano de 2020 com muita festa, pompa e circunstância. Afinal que tinham a temer? Esse novo vírus? Não! Isso era coisa dos chineses e o problema era deles. O mundo se dizia solidário, compreendia a dor dos chineses, mas não mais que isso.

Nem mesmo quando o vírus se expandiu pela Ásia, ultrapassando as fronteiras da China, com muitos países asiáticos, com especial gravidade na Coreia do Sul, Japão e Irão a registrarem casos de contaminação pelo COVID 19, o mundo parou para meditar e procurar entender o que se estava a passar. Que vírus era esse?

O COVID 19, ou Coronas vírus é uma doença infectocontagiosa causada por um vírus da família dos coronavírus. Apesar de já haver registros de vírus da mesma família anteriores a dezembro de 2019, este novo vírus, pertencente a essa família apresentou uma mutação totalmente nova, desconhecida da ciência e da medicina o que dificultou o seu combate.

É realmente um novo vírus que causa febre, dificuldade respiratória, tosse, se assemelhando a uma vulgar gripe,

contudo, ao atingir os pulmões, o caso clínico se agrava com uma pneumonia grave. A transmissão ocorre de uma pessoa para outra através do contato com gotículas respiratórias, pelo que é imprescindível evitar as aglomerações de pessoas.

No entanto, mesmo perante o alastrar dessa onda de contaminação, o mundo, não se preocupou muito. Toni bem sabia porque ele não se preocupara. Era tudo uma questão de tempo...

O mundo vivia em altíssima velocidade. Não tinha tempo para parar e olhar para o lado, ou antes, para a China, Japão, Irão, para a Ásia. Era necessário garantir o maior número de bens materiais, tinha de lutar pelo poder, pela supremacia, pela garantia que estava no primeiríssimo lugar...

No seu egoísmo, cinismo, o mundo nem denotava com clareza que não tinha tempo. Não tinha, mas era de forma muito subtil, disfarçadamente que ele negligenciava os valores morais mais elementares por não ter tempo.

Toni conhecera no seu último emprego, na Companhia de Trens, muita gente que estava definitivamente esmagada a essa falta de tempo. Na ânsia pela subida na hierarquia da firma, pelo sucesso na sua carreira profissional que estava na frente de tudo e pela qual valia a pena fazer o possível e acima de tudo, o impossível. Aos poucos, tinham ficado a trabalhar um pouco mais, até mais tarde, além do horário normal. Quando davam por ela, já estavam a trabalhar doze, quinze e mais horas seguidas.

Nem importava que o corpo sofresse e a saúde fosse ficando mais fragilizada. E como o tempo continuava a fugir, perante essa gente que vivia em permanente correria, não demorou muito a que nem para as refeições tivessem tempo. Havia que optar por comer alguma coisa, entre o cumprir de uma tarefa, o analisar de um relatório e o marcar de uma reunião. Com

alguma frequência, eles algumas horas depois, se deparavam com uma sandes meio roída, num canto da secretária, no meio da papelada. Como fora ali parar? Simples. Em ter tanta ocupação e ainda maior falta de tempo, tinham começado a comer a bucha, nome porque os portugueses designam um bocado de pão, mas acabaram se esquecendo dela, deixada só, perdida no meio da bagunça da secretária. Ah! Isso não era nada saudável! Que ridículo, diriam. É claro que não é saudável, mas era necessário subir na carreira. As refeições que se lixassem.

Bom! Com tanta falta de tempo, a coisa ficava mesmo feia e depressa deixavam de ter tempo para conversar com os familiares, esposos, esposas e filhos, filhas. Sem tempo, não havia outra alternativa, eles eram relegados para segundo, terceiro plano. No caso dos esposos, esposas, era fácil. Eles que se desenrascassem. Já os filhos, filhas, era mais complicado. Tinham de educa-los. Ah! Como! E o tempo? Não podiam perder tempo com essas coisas e resolviam a questão terceirizando a educação dos seus rebentos em amas e em outra, outro empregado. Um dia, o esposo, a esposa, se ia embora, os filhos se perdiam nas drogas, no álcool ou em algum outro vício e acabavam sós e estressados. Mas a carreira profissional se sobrepunha a isso. Se era esse o preço que tinham de pagar, pagariam.

Claro que a falta de tempo acabaria por deixar de fora as idas a uma academia, o praticar de exercício físico regular e sem tempo para relaxar, a irritabilidade crescia avassaladoramente.

Ano após ano era assim, estressante, cada vez mais estressante. A luz no final do túnel era o saber que depois de um ano inteirinho correndo, correndo, correndo sem parar, elas estavam a chegar. As abençoadas férias.

Era então que aquela voz que não conseguiam descobrir de onde vinha os socava violentamente no estômago.

- Que é lá isso? Férias? Que férias? Quais férias? Então e a carreira? Então; e quem é que vai dirigir aquela reunião que é vital para a empresa?

Era demais. Agora, quando finalmente parecia que iam ter um tempinho, eis que ele se escapulia por entre os dedos, qual eirós escorregadia e luzidia. Não podia ser nada, não havia tempo e então, eles reduziam as férias, de trinta dias para metade. Tentavam se convencer a si próprios, afirmando:

- Um mês! Um mês! Quem é que necessita de um mês de férias? Ao fim de duas semanas já estamos aborrecidos de tanta inatividade. Até ficaríamos doentes se tivéssemos de aguentar um mês inteiro de férias.

Pronto. Se continuavam sem tempo, as férias eram reduzidas para duas semanas que rapidamente passavam a uma semana e a apenas uns dois ou três dias e no final, acabavam vendendo as férias à empresa. O dinheiro dava jeito e tinham tanto trabalho para fazer. Era uma boa solução. Todos ficavam contentes e a carreira profissional agradecia. Estavam escalando a montanha, iam lá chegar, ao topo. Acabavam por não gozar as benditas férias.

Cada vez com menos tempo... Cada vez mais perto do sonho de atingir o auge o ponto mais alto da sua carreira e declararem orgulhosamente:

- Sou uma executiva de sucesso! Cheguei a Presidente da Empresa!

- Sou um executivo de sucesso! Cheguei ao ponto mais alto. A cadeira da Presidência da Diretoria é minha!

Pareciam estar condenados a viver correndo, correndo, cada vez mais velozmente, até o coração rebentar e acabarem dentro do sobretudo de madeira, ou como dizem os brasileiros, o paletó de madeira. Ah! Tinham vivido fugindo do tempo, sem tempo para viver, mas para morrer teriam e terão de arranjar tempo.

Essa coisa do tempo deixa-nos loucos. Quantos não estariam condenados a passar a vida sem tempo até chegar o tempo de morrer? Esse tempo que não conseguimos agarrar que não se encaixa debaixo da nossa asa e se vai, fugidio, arredio, sem parar. Corre vento a fora. Corre mundo adentro. Sempre nos arrastando consigo, a reboque, amedrontados e angustiados perante o tempo perdido.

Até que de repente, esse diabólico COVID 19 que desvalorizamos que pensamos que só afetava os outros, era coisa de chineses, nos tramou e nos obrigou a parar. Com a permissão de Deus, ele parou o mundo.

De repente fomos obrigados a nos refugiar em casa, os pais tiveram tempo para dar atenção aos filhos, os esposos ficaram com tempo para dar mais amor às esposas. Elas arranjaram tempo de sobra para se dedicarem aos esposos, filhos à família. Os filhos até têm tempo para serem melhores filhos e melhores estudantes.

Era sempre o tempo quem nos levava. Que nos deixava. Caídos por acidente num pedaço de chão. Outro chão. Outro colo. E de repente esse vírus nos fez cair desasados, nos obrigou a ficarmos retidos em casa. De cabeça no chão. Reaprendendo a viver atabalhoadamente. É que vivíamos há tanto tempo sem tempo que agora se tornava difícil aprender a viver com tanto tempo.

Toni estava pensativo, ponderando nessa nova situação e acabou relembrando o que fora a sua vida até chegar neste tempo em que todo o mundo tem tempo. Nascera fora dos trilhos, conseguira reentrar neles, fora atirado de novo para fora e voltara a entrar nos trilhos. Relembrou a vida que já vivera.

Aloisio Augusto da Cruz Ferreira da Casa